

Escola depredada na Mooca tem histórico de drogas e baladas

Problema reconhecido pela direção ficou evidente ontem, quando PM entrou em colégio para deter dois jovens que estariam com maconha. Em resposta, colegas quebraram vidraças da unidade, onde já estudou o governador Serra

FÁBIO MAZZITELLI
VITOR SORIANO

Com histórico de drogas envolvendo alguns de seus alunos, a Escola Estadual Professor Antonio Firmino de Proença, na Mooca, zona leste da capital, chamou a Polícia Militar na manhã de ontem para deter dois estudantes que estariam com entorpecentes no pátio da unidade, no intervalo.

Em resposta à intervenção da Polícia Militar, que usou gás pimenta na ação, colegas dos jovens detidos iniciaram uma depredação que quebrou 47 vidraças do colégio estadual. O tumulto causou a dispensa dos alunos da manhã e a suspensão das aulas nos demais períodos do dia. Foi a segunda intervenção da PM em escolas estaduais em seis meses. Em novembro de 2008, policiais foram chamados para conter uma confusão na Escola Amadeu Amaral, no Belém (leia abaixo).

Fundada em 1946, a Firmino foi, nos anos 50, o berço escolar do governador José Serra (PSDB), que se refere a ela como exemplo de colégio público de sua época. Atualmente, porém, a unidade é mais notória no bairro pelos problemas com drogas e também pelas "baladas" que abriga.

Em relação às drogas, após o episódio de ontem, a própria Secretaria Estadual da Educação admitiu que é uma questão recorrente. A pasta diz que a direção do colégio da Mooca já avisara, em ocorrências anteriores, à PM e ao Departamento de Narcóticos (Denarc) da Polícia Civil sobre atividades ligadas ao tráfico de drogas na escola.

As baladas, com sons que vão do funk à música eletrônica, são realizadas no colégio bimestralmente, em média. Sempre às sextas-feiras. No dia do evento, que reúne jovens de 12 a 20 anos do bairro, a lotação varia entre R\$ 7 a R\$ 10, as aulas dos cerca de 350 estudantes do período noturno são suspensas – no total, a unidade tem 1.780 alunos.

De novembro para cá, com o patrocínio de uma emissora de rádio da capital, foram realizadas



No alto, funcionários limpam vidro quebrado das janelas; acima, à esq., alunos em frente à Firmino após a confusão e, à dir., vidraças são trocadas

FOTOS: EVELSON DE FREITAS / A.E.

três dessas festas, guardadas por seguranças particulares. "Se vende refrigerante (na balada), mas tem gente que esconde e entra com bebida alcoólica e droga. Já vi gente cheirando cocaína nas festas", diz uma aluna de 12 anos.

A mãe da jovem diz já ter protocolado na Secretaria da Educação reclamação sobre as baladas na escola. O governo diz que eram organizadas pela direção da Firmino, sem o conhecimento dos dirigentes de ensino, e que vai apurar responsabilidades. As festas agora estão proibidas, afirma a pasta.

"Minha vontade é tirar minha filha daqui por causa das amizades malandras. Mas não tem vaga perto", diz a mãe. "Na hora do intervalo da aula, já vi gente fumando maconha. Ninguém fala nada porque ameaçam", diz a filha.

Ontem, a direção resolveu "comprar a briga". A PM foi chamada porque dois garotos matriculados na unidade – um de 14 anos e outro de 17 – pularam o muro da escola, invadiram o local fora do horário de aula e estariam fumando maconha no pátio, por volta das 9h30, hora do intervalo.

Não foram encontradas drogas com os jovens, detidos no banheiro da escola e liberados do 8º DP (Mooca) à tarde, na companhia de responsáveis legais. Eles assinaram um ato infracional. Embora matriculados, eles não frequentavam as aulas regularmente – um deles já havia sido suspenso neste ano. O de 14 anos seria um organizador das baladas.

No final da manhã, após a detenção dos menores, alunos jogaram carteiras nas vidraças e tombaram cestos de lixo no pátio. A PM foi chamada de novo. Três alunos foram apontados como pivôs da quebradeira e o futuro deles será decidido amanhã. A punição máxima é a transferência obrigatória, equivalente à expulsão.

Segundo um funcionário, neste ano a escola tem enfrentado falta de pessoal administrativo, o que contribui para a indisciplina. "Não tem ninguém para controlar, verificar a entrada. Há aulas vagas e faltam funcionários." ■

Unidade é considerada padrão, diz coordenador

Para o coordenador responsável pelas escolas estaduais da Grande São Paulo, José Benedito de Oliveira, a Antonio Firmino de Proença é uma unidade "padrão" da rede estadual de ensino, que reúne cerca de 5 mil colégios no Estado. "A escola tem uma parceria com a Imprensa Oficial e, para nós, é uma escola padrão", afirmou. "É lamentável que tenha acontecido aqui, numa escola que tem história", disse.

Oliveira se referia à parceria firmada com a Imprensa Oficial do Estado no final de 2007, que viabilizou a reforma da biblioteca do colégio e a aquisição de livros impressos e lançados pela estatal. A unidade tem câmeras de vídeo recém-instaladas nos corredores e os muros também foram pintados poucos meses atrás.

Diante do tumulto na escola que estudou no hoje ensino básico, o governador José Serra disse ontem que anunciará ainda este mês um pacote de combate à violência nas escolas. "O programa valestar neste mês todo formalizado. O pacote já havia sido prometido para o início do ano letivo.

Serra classificou o tumulto na escola da Mooca como "um evento de violência". "Foi uma confusão aprontada por dois alunos fora de horário. A diretora chamou a polícia e aí deu problema (...). Não é um fenômeno que está se agravando no Estado de São Paulo."

"A escola, para nós, é uma unidade padrão. É lamentável que tenha acontecido aqui, em um colégio que tem história."

JOSÉ B. DE OLIVEIRA
COORDENADOR

15/5/2009 p.34

Questionado se ficaria chateado ao ver o lugar onde estudou deprimido, respondeu: "Ficaria chateado se fosse em qualquer escola".

A Secretaria Estadual da Educação disse não haver falta de funcionários na Antonio Firmino de Proença. Segundo a pasta, há nove agentes de organização escolar (inspetores) e 92 professores para os três turnos de aula na unidade.

A Polícia Militar negou que tenha agido com violência contra os dois alunos detidos ou na ação para controlar a quebradeira na escola. "Não foram usadas algemas e não houve excessos por parte da polícia", disse o major Daniel Ignácio, subcomandante do 45º Batalhão da PM, responsável pela região, que explicou o porquê do uso do gás pimenta. "Numa escada proporcional da ação policial, é usado para evitar uma ação mais severa, como o uso de algemas ou de armas." :: F.M. e V.S.

Líder de facção também foi aluno da Firmino Proença

Segundo um funcionário da direção da Firmino Proença, a escola também teve como aluno Marco Willians Herbas Camacho, o Marcola, apontado pela polícia como o líder da facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC). A informação foi dada a policiais do 8º Distrito Policial, para onde foram levados os alunos detidos. Um funcionário da escola que não quis se identificar confirmou a informação à reportagem. "Ele, o Serra, a cantora Zizi Possi." Marcola não poderia ter sido

colega do governador. Com 48 anos, o bandido é 19 anos mais novo que o tucano, hoje com 67 anos. Enquanto Serra cursou a escola nos anos 50, Camacho teria estudado entre as décadas de 70 e 80.

Recém-empossado governador, em 2007, Serra deu uma entrevista à TV Cultura nas dependências da escola. Nela, o tucano ressaltava ter se dedicado aos livros da biblioteca da unidade. No mesmo ano, ao falar sobre a biblioteca, disse: "No colégio, às vezes não tinha biblioteca, mas sempre havia gente tomando conta." Ele cursou dois anos de ginásio, em 1955 e 1956, e dois anos de científico, em 1958 a 1959 na escola. V.S. e C.F.

OUTRO CASO



No dia 12 de novembro de 2008, uma briga entre duas alunas da Escola Estadual Amadeu Amaral, no Belém, resultou em quebra-que-



bra, com cadelras, cartelas, portas e vidros quebrados. Professores se trancaram em uma sala e a PM acabou intervindo.

Para educador, rede pública vive 'guerra surda'

As dificuldades e conflitos próprios do ambiente das escolas públicas são destacados como elementos que levam a surtos de violência pelo educador Júlio Groppa Aquino, professor da Faculdade de Educação da USP e organizador do livro Drogas na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas.

"Os alunos não se sentem acolhidos, as práticas pedagógicas são anacrônicas, os professores ainda trabalham com aquela ideia do aluno de classe média, que valoriza o estudo. A escola vive essa guerra surda, abafada."

Na visão de Aquino, essa situação, que ele chama de "barril de pólvora", contribuiu para o conflito na escola estadual da Mooca.

Para o coordenador da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) paulista, Mário de Oliveira Filho, foi acertada a decisão da direção em chamar a PM. "Independentemente de idade, classe social, local, estava ocorrendo um crime", defende. Na visão dele, os fatos acendem uma "luz vermelha" que mostra uma "total falta de política de combate às drogas" nas escolas. "Nas escolas ou fora delas, não há ações, não existem dados, tudo é proibido, é segredo, é mistério. E ninguém resolve."

Baixo desempenho

No Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São

Os alunos não se sentem acolhidos, as práticas pedagógicas são anacrônicas. A escola vive essa guerra surda"

JÚLIO GROPPA AQUINO
EDUCADOR

Paulo (Idesp), criado para avaliar a qualidade dos colégios da rede, tanto os alunos da 8ª série do ensino fundamental como do 3º ano do ensino médio Firmino ficaram abaixo das médias estaduais.

No Idesp do ano passado, a escola obteve 2,32 na 8ª série e 1,24 no ensino médio, ante 2,6 e 1,95 de média nas escolas do Estado, respectivamente. Apesar do baixo desempenho, por avançarem em relação a 2007, todos os funcionários do colégio receberam bônus de 120% no salário.

No Saesp, prova usada no cálculo do Idesp, do ano passado, apenas 16% dos alunos da 8ª série da Firmino atingiram desempenho adequado em língua portuguesa. Em matemática, esse índice foi de 9%. Entre os alunos do ensino médio, a situação foi semelhante: só 3% tiveram desempenho adequado em matemática. :: Daniel Gonzales e V.S.